

A LÍNGUA: UM ETERNO *CONTINUUM*

Cláudia Neli Borragini Abuchaim de Oliveira*

Resumo: O presente trabalho pretende averiguar se existem na escrita “marcas de oralidade” que permitam ao leitor reconhecer no texto uma realidade linguística que possa determinar o tempo histórico do texto escrito. Serão utilizadas duas vertentes modernas de análise das variações linguísticas: a macroanálise e a microanálise da conversação. Traçaremos nosso referencial teórico por meio dos estudos de Coseriu (1987), Marcuschi (2001), Salomão (2001), e Preti (2004). A macro e a microanálise das variações da linguagem nos mostram que é possível estabelecer um modelo teórico de análise para relacionar o texto escrito com a realidade falada de seu tempo. Mostraremos nesta análise que o texto escrito não equivale a uma manifestação oral, porém aproxima-se da língua falada, revelando a realidade linguística de determinada época.

Palavras-chave: Escrita. Oralidade. Contexto histórico. Estratégia conversacional.

Abstract: The aim of this work is to investigate the existence of “oral language traces” that allow the reader to identify a linguistic environment, which can indicate the historical time and context in which was written. Two modern analyses of linguistic variations will be employed: macro and microanalysis of conversation. We will carry on our theoretical framework by studying Coseriu (1987), Marcuschi (2001), Salomão (2001) and Preti (2004). The macro and microanalysis of changes in the language show that it is possible to establish a theoretical analysis to relate the written text with the reality spoken of its time. We will demonstrate in this analysis that the written text is not equivalent to an utterance, but approximates the spoken language, revealing the linguistic reality of a given time.

Keywords: Written language. Spoken language. Historical context. Conversation strategies.

A ditadura militar

Este é tempo de divisas, tempo de gente cortada... É tempo de meio silêncio, de boca gelada e murmúrio, palavra indireta, aviso na esquina. (Carlos Drummond de Andrade)

Marcas da oralidade na escrita

*Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), São Paulo, SP. Brasil. claudiaa_oliveira@terra.com.br.

Os estudos da Análise da Conversação mostram que não se pode estabelecer uma dicotomia rígida entre fala e escrita. Segundo Marcuschi (1993), as distinções existem, porém, situam-se num *continuum* e não seria razoável tomar tais distinções como estanques.

Koch (2003) afirma que “fala e escrita constituem duas modalidades de uso da língua. Embora se utilizem, evidentemente, do mesmo sistema linguístico, elas possuem características próprias”.

Segundo Preti (2004), nas últimas décadas, a Linguística privilegia os estudos de língua oral, em áreas novas como, por exemplo, a Análise da Conversação e a Sociolinguística Interacional, mostrando a importância do ato conversacional e da ação de fatores internos e externos que o influenciam. É na língua e pela língua que indivíduo e sociedade se determinam. Ela é uma marca social de um grupo, como um elemento identificador, assim como o vestuário.

Afirma ainda o autor que “a língua falada não é desorganizada como se costumava afirmar e tem uma gramática própria que os falantes aprendem no uso diário e cujas categorias de análise diferem da gramática da língua escrita”.

Língua e comunidade linguística

Segundo Halliday (1974), uma língua pode ser entendida como o meio de comunicação global usado por um corpo social. Podemos definir “meio de comunicação” como o código linguístico, o sistema e todas as suas unidades (fonemas, morfemas, sintagmas), com suas infinitas possibilidades de combinação, e também os modos utilizados pelos falantes em sua interação (os gêneros do discurso, as normas linguísticas) que englobam todas as variações inerentes à realização de uma língua, concluindo assim que uma língua é um contínuo de variedades. Considerando esse conceito chegamos ao termo *comunidade linguística*, que pode ser entendida como “um grupo de homens que se consideram a si mesmos falar a mesma língua”, ou seja, que se compreendem mutuamente, refletindo a “atitude dos falantes em relação à sua língua e, com isso, ao modo como a usam” (HALLIDAY, 1974, p. 100).

A variação linguística

Os principais motivos da variação linguística têm duas origens básicas: o usuário e o uso que ele faz da língua. Segundo Preti (1994), os fatores ligados ao falante, que influenciam e determinam a fala de um indivíduo, são: idade, sexo, raça, profissão, posição social, grau de escolaridade, local em que reside na comunidade. Os fatores mais relevantes que dizem respeito à situação de comunicação são: ambiente, tema, estado emocional do falante, grau de intimidade entre os interactantes.

Vislumbramos, assim, dois eixos básicos de variação da língua: o usuário com sua característica sociogeográfica, que origina o que se denomina dialeto, e o uso, com todas as configurações de variação de situação, que dá origem ao que se denomina registro de linguagem, formal ou informal. O falante terá que se adaptar ao contexto em que se insere, de formalidade ou informalidade, que repercutirá em sua linguagem, para adequar-se à situação de comunicação (PRETI, 1999).

Não há no Brasil uma “língua padrão”, não se ensina uma pronúncia padrão e não há diferença de valor quanto a usos regionais, relativamente à gramática e ao léxico. Temos um padrão ideal de linguagem: uma norma tradicional, também denominada prescritiva ou explícita. O critério de avaliação dos dialetos e registros terá essa norma como parâmetro: quanto mais distante, menor prestígio, se mais próximo, maior prestígio (PRETI, 1999).

A norma linguística

Segundo Coseriu (1987), a *norma* linguística é “um sistema de realizações obrigadas, de imposições sociais e culturais, e varia segundo a comunidade”. A *norma* é a tradição à qual todos estão submetidos e obedecem, sem refletir.

O autor compõe a teoria tripartite “sistema, norma e fala”, na qual o “Sistema” compõe-se de entidades muito gerais e abstratas, realizáveis de diferentes modos, todos igualmente válidos, entre os quais é possível e facultativo a escolha. A “Norma” tem índole consultiva, é um conjunto estruturado de entidades reais, descritivas: isto e não aquilo; é a realização coletiva do sistema, não é estática, mas conservadora por excelência. A “Fala” é a realidade concreta que conhecemos, porque com ela nos comunicamos. Concluímos que o falante sofre a pressão de uma norma que se materializa e é explicitada em manuais chamados

gramáticas normativas. A norma parece estar numa posição hierárquica superior às outras, porque ela representa o “bem falar”.

Utilizaremos alguns exemplos para demonstrar a teoria tripartite de Coseriu (1987), variantes linguísticas em nível de sistema, norma e fala.

	Sistema	Norma	Fala
			Encontram-se as formas estabelecidas para norma +
Expressão de qualidade em nível de abstração	Adjetivo + sufixos: -ez, -eza, -ura, -idade, -ismo, -ice, -itude	estupidez, pobreza, brancura, latinidade, mulatismo, burrice, negritude	negrice, estupidez, mulateza
Expressão de gênero dos substantivos	Substantivo em -ão mudam em: -ona/-oa/-ã	folião > foliona leão > leoa campeão > campeã	ladrona
Expressão do número dos substantivos	Substantivo em -ão fazem o plural em: -aos/-ães/-ões	mão > mãos cão > cães corrimão > corrimões	pãos alemões corrimãos

Podemos perceber pelo quadro acima que o sistema oferece opções, quando utilizamos um sufixo não-usual, erra-se na norma, não no sistema. Podemos afirmar que a norma culta é a de maior prestígio na comunidade, utilizada pelos falantes em geral muito mais na escrita do que na fala.

Aléong (1983) estuda a língua como um fato social, um veículo simbólico, que só poderá ser analisado a partir de sua inserção na sociedade, na cultura da qual faz parte. Propõe a distinção entre as normas implícitas, inerentes aos grupos sociais que a atualizam na oralidade e na escrita, e as normas explícitas que são codificadas e divulgadas, sobretudo pela escola, gramáticas e dicionários. É o estudo das normas implícitas que torna possível o conhecimento da língua efetivamente utilizada pela comunidade linguística.

Segundo Preti (1999), a língua falada não se manifesta da mesma forma que a língua escrita, vejamos suas diferenças:

Língua Falada	Língua Escrita
Situação face a face: reação, gesto, elemento expressivo.	O escritor e o leitor não ocupam o mesmo tempo e espaço.
Repetição: diminui a taxa de informação.	Possibilidade de refazer a frase.
Anacolutos, frases interrompidas, redução dos tempos e pessoas verbais, maior número de pausas.	Sujeição maior às regras da gramática tradicional.
Replanejamento contínuo, o assunto pode mudar constantemente.	Planejamento, reflexão.
Interação: marcadores conversacionais.	Distanciamento: o escritor não interage com o leitor.
Coprodução discursiva (discurso a dois).	Submissão à ortografia: imagem visual da palavra.

O *corpus* que analisaremos é um texto escrito com marcas da língua oral dialogada. Segundo Kock et al (2002), o planejamento do discurso é uma questão importante da língua oral dialogada. “Considera-se *não-planejado* o discurso que prescinde de reflexões prévias e preparação organizacional anterior à sua expressão. Por outro lado, o discurso *planejado* é aquele pensado e projetado antes de sua manifestação” (KOCK et al, 2002, p.123). Sendo assim, uma conversação espontânea é relativamente não planejada, esse é o objetivo do autor do texto que será analisado nesse trabalho, apresentar um texto escrito, planejado, dando a impressão de que as reflexões prévias foram prescindíveis na elaboração textual.

Feitas as primeiras ponderações sobre o discurso escrito e oral, passemos à análise do *corpus* escolhido. Pretendemos, neste texto, averiguar apenas duas vertentes modernas de análise das variações linguísticas: a macroanálise e a microanálise da conversação, na tentativa de relacionar o texto escrito com a realidade falada de seu tempo.

Nosso *corpus* para a análise será um texto distribuído pelo Coral da USP (Universidade de São Paulo), nos anos de 1970.

Coral USP

Tamos aí! Na crista da onda, depois de dois anos de trabalho duro. Tamos aí: um coral pra frente e sério paca. É o fino em matéria de música, da popular e da erudita. Sem frescura de cantar só pra branco, em salão enfeitado. Já fomos pra rua depois de

cantar no Municipal. Todo aquele teatro imponente: veludo, ouro, poltrona, e outros quetais.

A gente canta porque gosta. E canta em coral porque o champignon é aquele: várias vozes, maestro, música popular. E nada de frescura de vestido longo, pastinha de música colorida, maestro de casa. Dizem pela aí que o hábito não faz o monge, e nós tamos aí pra provar que a roupa não faz o coral.

Coral não é mais aquela coisa chata de festa de formatura. Aquela meia dúzia de dois ou três fazendo biquinho com a boca, cantando aquelas músicas muito por fora da jogada. Coral agora é coisa pra frente. Pegando de música popular e erudita de todas as épocas e estilos, mas dando daquela de quem sabe o que está fazendo e para quem está fazendo.

Todo mundo tá cantando por música, mas a maioria da patota nunca cheirou uma pauta – aquelas notinhas escritas nas cinco linhas, capaz de fundir qualquer cuca menos avisada. É mole: tem um maestro pra frente – um mineiro formado na Bahia que mora em São Paulo, depois de viver no Rio – que só perde a paciência quando a turma desafina quando não é pra desafinar.

A turma toda é da pilantragem: estudante, bancário, médico, dentista, engenheiro, secretário, bióloga. Só pra mostrar, de leve, que a música não tem profissão, sexo, cor, nem condição social. Só pra mostrar de leve que a gente foi considerado o melhor coral de São Paulo, em 69, pela Associação Paulista de Críticos Teatrais. Só pra mostrar, - o Jorge Ben e essa turma boa, da pesada, que nos desculpe – que a música popular não é privilégio ... de individualidades.

Você que nunca nos viu cantar vai ficar pensando que tamos dando uma de “quermesse de Igreja em dia de santa da cidade”. Nosso papo é sério e o que temos pra apresentar é mais sério ainda. Tamos desafiando seu gosto pela música. E tamos dispostos a aceitar as críticas que você tiver.

Além de tudo. E quase que a gente esquece o mais importante: precisamos de novas vozes. Outra vez, de leve, para ser o melhor coral de 70.

E precisamos também de gente que toca qualquer instrumento. Tamos a fim de montar uma orquestra para o coral. E num vem que num tem. Tempo a gente faz.

Para dar colher de chá a turma é da gandaia tem viagem paca: o prestígio é aquele prestígio. E como diz a Araca – de saudosa memória, depois do CORAL USP – “Tamos cunversados...” (São Paulo, USP, 1970)

A análise da “conversação literária”

Atentaremos nesta análise para alguns aspectos do texto:

1. O contexto histórico em que se realiza o texto, conhecimento indispensável para uma análise de textos distanciados no tempo e o contexto geográfico
2. Os fatores extralinguísticos, considerando-se as características socioculturais do autor (grau de escolaridade, profissão, *status*, etc.) ou psicobiológicas (faixa etária, gênero, tipo psicológico, etc.)
3. As informações trazidas pela *situação de comunicação*. São os elementos pragmáticos do texto, mas também os traços de interatividade, como tratamentos gramaticais, expressões formulaicas, repetições, marcadores conversacionais, que podem indicar proximidade/afastamento, clareza/ocultação, conhecimentos compartilhados, etc.

4. As estratégias conversacionais empregadas pelo escritor, visando à obtenção de certos fins, e seus resultados ao longo do texto construído.

A primeira e a segunda etapas dessa metodologia poderíamos nomear de *macroanálise* da “conversação literária”, em que seguimos as informações trazidas pela enunciação, sem desprezar os conhecimentos pessoais do analista, porque no caso do texto analisado, será necessário um conhecimento histórico-político-social, que o autor não nos fornece.

A terceira e quarta etapas nomearíamos de *microanálise* da “conversação literária”, porque prevalecem os elementos interacionais, que, às vezes, não dependem dos fatores extralinguísticos. Poderíamos dizer que o grau de escolaridade, o gênero e o *status* do escritor, nem sempre justificarão sua linguagem no texto.

A macroanálise das variações linguísticas

O texto que analisamos foi escrito e distribuído pelos integrantes do coral da USP, universitários de várias áreas, com faixa etária em torno dos vinte anos e integrantes de uma geração rebelde, dos anos de 1970, reivindicatória, época do “Faça amor, não faça guerra”. Não encontramos diferenças regionais relevantes para uma análise linguística do texto.

Quanto ao contexto histórico, sabemos que a década de 1970 foi o período mais repressivo do regime militar instalado no Brasil em 1964. O Coral USP foi fundado em 1967 por Benito Juarez e José Luiz Visconti, reunia estudantes da Escola Politécnica e da Escola de Enfermagem. Inaugurou um estilo próprio sintonizado com sua época, em que as linguagens do clássico e do popular convergiam e apontavam para um caminho inédito na música coral brasileira.

A agitação estudantil de 1968 parece ter assustado a ditadura, que resolveu sufocar a qualquer preço qualquer indício de contestação. Depois do Ato Institucional n.º 5 (AI-5[†]), as prisões se multiplicaram, as torturas se intensificaram, com métodos aperfeiçoados, e as execuções secretas tornaram-se prática comum. O plano da cultura, naqueles anos, se

[†] Com a vitória do movimento militar, o Comando Supremo da Revolução (assim ele se autodefiniu) editou o Ato Institucional nº1, suspendendo as garantias constitucionais e estabelecendo um prazo de 60 dias durante os quais poderia cassar mandatos e direitos políticos. (...) O Congresso Nacional foi fechado e, a 13 de dezembro de 1968, foi editado o Ato Institucional nº 5 (ALENCAR, Chico; CARPI, Lucia; RIBEIRO, Marcos Venício: História da Sociedade Brasileira. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1996).

caracterizou pela presença absoluta da censura. Tudo era censurado – jornais, livros, filmes, mas principalmente peças de teatro.

Foram anos de massiva propaganda, de falta de liberdade, censura e perseguições. Mas também de resistência, formada pelos intelectuais, estudantes, operários, artistas. Houve perseguições com prisões para todos que ousavam ir contra o regime. Muitos foram presos, torturados e banidos para fora do país. Tempo de muita propaganda oficial, de *slogans* do “Brasil! Ame-o ou deixe-o” e da dupla Tom e Ravel, cantores que em suas músicas exaltavam o Brasil contribuindo para divulgar o regime, tais como “este é um país que vai pra frente e ninguém segura a juventude do Brasil”. Foi também a década em que o futebol esteve em pauta, contribuindo para a alienação do povo, salientado pelo título de tricampeão mundial, bem no começo da década "noventa milhões em ação".

No texto

O público-alvo são os universitários da USP que são convidados a participar do coral, é um texto argumentativo, de convencimento, a turma é “da gandaia”. O excesso de gírias denota uma atitude linguística, típica dos estudantes da época. A linguagem é elaborada, é intencional, pois agredindo a língua, agride-se a tradição.

A microanálise das variações linguísticas

A linguagem utilizada no texto analisado é aparentemente descuidada, despreocupada, no entanto, podemos perceber que desde o início o autor tem um objetivo: sensibilizar o leitor no sentido de envolvê-lo para que participe do coral.

Esta estratégia conversacional é muito empregada na linguagem falada. Os diálogos, geralmente, mostram duas sequências: na primeira os falantes tratam de tudo o que não é relevante para o tema principal da conversação. Eco (1984) afirma que é a “falação” que nos remete à função fática da linguagem, que mantém uma ligação constante entre os falantes. Poderíamos chamar de pré-sequência que representa um *frame*, um quadro preparatório para um evento linguístico posterior.

A segunda sequência da conversação determina seu tópico mais importante: a linha argumentativa, para conseguir o que realmente se deseja falar.

Na primeira sequência do texto o autor utilizando-se de muita gíria e linguagem popular, fala sobre o coral que já completou dois anos de atividades e que canta música popular e erudita de todas as épocas e estilos, seguindo uma linha que parece uma simples propaganda. Porém, no antepenúltimo parágrafo, caracterizando a segunda sequência da conversação, como se estivesse até esquecendo “o mais importante”, convida o leitor a participar do coral.

Marcadores conversacionais

Os marcadores conversacionais são considerados elementos de grande importância nos processos de interação conversacional por serem marcas linguísticas polifuncionais, que podem exercer desde características meramente conectivas (funções sintáticas) até metadiscursivas (funções comunicativas).

As repetições

As repetições são intencionais, visam ao convencimento e ao humor.

“Tamos aí”

“pra frente”

“só pra mostrar”

“tamos”

“de leve”

Marcuschi (2001) afirma que: “repetindo, o falante alivia a densidade das informações, dando tempo ao ouvinte de compreendê-lo melhor e, por outro lado, reunindo condições de organizar ou reorganizar o seu próprio discurso”. Um texto que apresenta repetições diminui as informações, porém aumenta o nível de entendimento.

Segundo Tannen (1986), “a repetição pode ser um recurso intencional de estilo, desde que concorra para dar um ritmo à prosa que lembraria, assim, ritmos próprios da língua

falada”. O autor do texto analisado vale-se das repetições para compor um recurso intencional de estilo, que compõem um ritmo de fala.

As expressões formulaicas

O conteúdo das expressões formulaicas é, em geral, de natureza genérica e traz verdades admitidas pela sabedoria popular. Salomão (2001) afirma que “originárias da linguagem oral, as frases feitas são muito utilizadas pelos falantes de uma língua, nas situações da vida cotidiana, porque, em poucas palavras, são capazes de transmitir conceitos que demorariam a ser explicados”.

Segundo Preti (2004), as expressões formulaicas podem constituir um importante índice do conhecimento partilhado pelos falantes, com importante papel interativo.

As frases feitas, segundo Salomão (2001), além de serem portadoras de expressividade representam uma economia de tempo na comunicação, já que os membros de uma comunidade, no caso do texto analisado, os estudantes da USP, conseguem identificá-las, atribuindo-lhes sentido.

Os estudantes da década de 1970, rebeldes, da época da Ditadura Militar, abusavam das expressões formulaicas com a intenção de agredirem a tradição e de certa forma se aproximarem da linguagem popular:

- “o hábito não faz o monge” (nesse caso especificamente, tal expressão encontra-se em paralelismo com a que lhe dá sequência, ou seja, “a roupa não faz o coral”, gerando uma intertextualidade entre ambas)
- “dando uma de quermesse de Igreja em dia de santa da cidade” (caso em que a intenção seria estabelecer-se uma comparação entre elementos de universos distintos)

A gíria

O professor Dino Preti afirma que a gíria é um fenômeno tipicamente sociolinguístico, que pode ser estudado sob duas perspectivas: a *gíria de grupo* e a *gíria comum*. A *gíria de grupo* faz parte da personalidade dos falantes que fazem questão de demonstrar que pertencem a um determinado grupo social, sua linguagem torna-se secreta, somente

compreensível aos iniciados no grupo. A *gíria comum* é a vulgarização dos vocábulos, é o momento em que, grupos restritos entram em contato com a sociedade, a linguagem se divulga e passa a fazer parte do vocabulário popular (PRETI, 2004).

A *gíria* é um vocabulário em constante transformação, assim como a sociedade contemporânea, em que tudo fica ultrapassado em pouquíssimo tempo. Falar uma *gíria* fora de época é marca irrefutável de nossa idade, é a constatação de desatualização em relação ao tempo em que vivemos.

Preti (2004) afirma que “na linguagem falada espontânea, no dia-a-dia, a *gíria* constitui um recurso simples para aproximar os interlocutores, quebrar a formalidade, forçar uma interação mais próxima dos interesses das pessoas que dialogam”. O vocabulário *gírio*, com seu humor, sua ironia e seu poder agressivo é uma maneira de defender-se das injustiças sociais, atacando o conservadorismo da linguagem, para compensar sua revolta e frustração.

O texto que analisamos foi escrito por jovens acostumados à contestação, em função da própria idade, que buscam uma maneira própria de viver e de realizar-se.

Elencaremos a seguir algumas *gírias* utilizadas no texto, passando entre parênteses seu significado para a linguagem comum.

“na crista da onda” (no auge, em notoriedade)

“paca” (origem obscena - bastante)

“sem frescura” (origem obscena – sem formalidade)

“patota” (*gíria* criada na *gíria* – grupo)

“fundir qualquer cuca” (*gíria* criada na *gíria* – pensar demais, ao extremo)

“é mole” (não é fácil – metáfora sensitiva)

“pilantragem” (malandragem)

“turma da pesada” (grupo de prestígio)

“turma da gandaia” (grupo de prestígio)

“é o fino” (é o máximo)

A transposição para a linguagem comum nos mostra como a fala perderia completamente seu sabor humorístico, descaracterizando a autenticidade do texto.

A linguagem popular ou coloquial

É aquela usada espontânea e fluentemente pelo povo. Mostra-se quase sempre rebelde à norma gramatical e é carregada de vícios de linguagem (solecismos – erros de regência e concordância; barbarismo – erros de pronúncia, grafia e flexão; ambiguidade; cacofonia; pleonasma), expressões vulgares, gírias e preferência pela coordenação, que ressalta o caráter oral e popular da língua. A linguagem popular está presente nas mais diversas situações: conversas familiares ou entre amigos, anedotas, irradiação de esportes, programas de TV (sobretudo os de auditório), novelas, expressão dos estados emocionais, etc.

A linguagem popular confere unidade ao texto analisado, em expressões como:

“tamos aí” (redução da conjugação do presente do indicativo do verbo estar “estamos”, transcrição fonética)

“pra” (redução da expressão “para a”)

“a gente” (nós)

“outros quetais” (etecetera)

“dizem pela aí” (dizem por aí – linguagem popular inculta)

“coisa chata” (algo inconveniente – vulgarismo)

“aquela meia dúzia” (poucas pessoas)

“pra frente” (para a frente – moderna)

“pegando” (escolhendo)

“dando daquela de quem sabe” (falsa impressão de saber)

“todo mundo” (exagero generalizando, linguagem hiperbólica)

“tá” (redução da expressão “está”)

“cheirou” (conheceu, linguagem grosseira)

“nosso papo” (nossa conversa, linguagem familiar)

“e num vem que num tem” (expressão reduzida – e não venha falar que não tem tempo)

“tempo a gente faz” (nós arranjamos tempo)

“dar uma colher de chá” (dar uma oportunidade)

“Araca” (Araci de Almeida)

“tamos cunversados” (estamos entendidos, transcrição fonética)

Segundo Dionísio (2001), por ter expectativas prévias, o falante sempre procura estratégias para fazer com que elas ocorram e também fica atento à reação de seu interlocutor. Durante esse “jogo” de expectativas, não é raro, o falante perder a “face” (imagem social).

No texto analisado, o escritor em raros momentos perde a face, utilizando-se da linguagem culta, como, por exemplo: “dispostos a aceitar as críticas que você tiver”. O futuro do subjuntivo é utilizado apenas na linguagem culta por ser de difícil elaboração; “precisamos de novas vozes”, utiliza o verbo conjugado na primeira pessoa do plural.

Considerações finais

O texto analisado revela-nos como o escritor consegue habilmente atingir seu público alvo, estudantes de determinada época, rebeldes, que utilizavam a linguagem popular e a gíria para se comunicarem.

O objetivo do texto é aproximar a linguagem oral da escrita. Sua metamensagem é atrair qualquer universitário que seja da USP para participar de um coral[‡]. Fica implícita a possibilidade da não aceitação do convite, devido à falta de tempo do estudante, porém o autor argumenta que tempo “a gente faz”. Método parenético muito utilizado pelo Padre Antonio Vieira em seus sermões, que consiste em lançar um argumento e pensar em todas as possibilidades de contestação do ouvinte-leitor.

A linguagem popular utilizada é intencional, bem elaborada, o excesso de gírias neste texto, na época de 1970, causou indignação em alguns integrantes da comunidade uspiana. Porém, dentro do contexto desta década caracterizava um texto verossímil, o uso da gíria era, e ainda é, uma atitude linguística típica do estudante universitário.

A macro e a microanálise das variações da linguagem nos mostram que é possível estabelecer um modelo teórico de análise para relacionar o texto escrito com a realidade falada de seu tempo. Podemos constatar nesta análise que o texto escrito não equivale a uma manifestação oral, porém aproxima-se da língua falada, revelando a realidade linguística de determinada época.

Referências

ALÉONG, S. Normes linguistiques, normes sociales, une perspective anthropologique. In: BEDARD, É.; MAURAI, J. *La norme linguistique*. Paris: Le Robert, 1983.

[‡] Leva-se em conta que a distribuição do texto foi feita dentro da USP.

COSERIU, E. Sistema, norma e fala. In: _____. *Teoria da linguagem e linguística geral*. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

DIONÍSIO, Â. P. Análise da Conversação. In: MUSSALIM, F.; ENTES, A. C. (orgs.) *Introdução à linguística*. São Paulo: Cortez, v. 2, 2001, p. 69-100.

ECO, H. *Viagem na irrealidade cotidiana*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

HALLIDAY, M. K. et. al. Os usuários e os usos da língua. In: _____. *As ciências linguísticas e o ensino de línguas*. Trad. Myrian F. Morau. Petrópolis: Vozes, 1974.

KOCH, I. G. V. et al. Aspectos do processamento do fluxo de informação no discurso oral dialogado. In: CASTILHO, A. T. de (org.). *Gramática do português falado*. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, v. 1, p. 121-154, 2002.

_____. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 2003.

MARCUSCHI, L. A. *O tratamento da oralidade no ensino de línguas*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, 1993.

_____. *Da fala para a escrita*. São Paulo: Cortez, 2001.

PRETI, D. *Sociolinguística: os níveis de fala*. 6. ed. São Paulo: EDUSP, 1994.

_____. *O discurso oral culto*. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 1999.

_____. *Estudos de língua oral e escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

SALOMÃO, M. C. R. C. *Os provérbios e as frases feitas no discurso jornalístico*. 198 p. São Paulo: PUC/SP, dissertação de Mestrado (Língua Portuguesa), 2001.

TANNEN, D. *Ordinary conversation and literary discourse: Coherence and the Poetics of Repetition*. Whashington: Georgetown University (xeroc.), 1986. URL da Homepage: <http://www.usp.br/coralusp/>